

O OLHAR EDUCACIONAL INCLUSIVO NA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL DO MUNICÍPIO DE GUAÍUBA¹

**Orientando: Francisco Ferreira de Oliveira²
Orientadora Vanessa Teixeira de Freitas Nogueira³**

RESUMO

Este artigo focaliza uma experiência de inclusão de aluno surdo em escola regular, no interior do Ceará, localizado em Guaiuba. Aluno, professores e a mãe envolvidos foram entrevistados e seus relatos analisados. Os dados indicam fragilidades que ocorrem no espaço escolar, como desconhecimento sobre a surdez e sobre suas implicações educacionais, dificuldades na interação professor e a incerteza em relação ao papel dos diferentes atores neste cenário. Os depoimentos apontam ainda dificuldades com adaptações curriculares e estratégias de aula, exclusão do aluno surdo de atividades. Todavia, tais aspectos são negligenciados, já que há um pressuposto tácito de que a inclusão escolar é um bem em si. Pretende-se contribuir para a reflexão acerca de práticas inclusivas envolvendo o aluno surdo, buscando abranger seus efeitos, limites e possibilidades e buscando uma atitude educacional responsável.

Palavras-chave: Surdez. Inclusão. Ensino Regular

ABSTRACT

This article focuses on a deaf student inclusion of experience in regular school, within Guaiúba city, located inside the Ceará. The student, teacher and mother involved were interviewed and examined its reports. The data indicates frailties that occur at school, such as lack of knowledge about deafness and its educational implications, difficulties faced by the teacher during the interaction and uncertainty regarding the role of different actors in this scenario. They also highlight difficulties with curriculum adaptations and class strategies, activities of the deaf student exclusion. However, these aspects are neglected, since there is a tacit assumption that the school inclusion is really a needed process. It is intended to contribute to the debate about inclusive practices involving the deaf student, seeking to cover its effects, limits and possibilities and trying to achieve a responsible educational attitude.

Key words: Deafness. Inclusion. Regular education

¹Artigo apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

²Acadêmico do Curso Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidades e Letras – IHL, e-mail: fco-oliveira@htomail.com

³Professora efetiva de Libras - UNILAB - UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA; Responsável pelo Projeto Laboratório de Libras; Graduanda em Letras Libras - Licenciatura - Polo Fortaleza com parceria a Universidade Federal de Santa Catarina(2016)Mestre em Psicologia na UNIFOR - Universidade de Fortaleza (2014).

Introdução

Dentro do ramo social e educativo, os termos inclusão e deficiência são bases fundamentais e é necessário que haja dentro da literatura uma noção do significado de cada. Na abordagem da deficiência e inclusão, em sua extensão sociocultural, Ribas (1992, p.4) argumenta que a deficiência é uma identidade social, cultural e institucionalmente criada. O que se espera nesse diagnóstico da deficiência seria a parte problemática sociológica, e saber de onde vem a sua inter-relação social, afirma o autor.

O deficiente só é visto na sociedade na medida em que os outros o veem como diferente, causando em exclusão socioeducativo, o que revela nas relações no mundo escolar. Já no conceito resumido de inclusão da pessoa surda no espaço escolar gera preocupação que vem adquirindo na sociedade, hoje um pouco mais atenta à diversidade humana. Mesmo com a existência das leis inclusivas, ainda permanecem as ações excludentes, visto que, muitas vezes, ao se tentar incluir a pessoa com deficiência nas escolas, avigoram-se as dificuldades e limitações segregatórias.

De acordo com Sasaki (1997), a inclusão é o procedimento pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir em seus sistemas educacionais, sociais, pessoas com deficiência. Com relação à surdez, pode-se mencionar que há uma série de limitações que vão além do fato de não se poder ouvir, pois o sujeito surdo por não escutar, enfrenta dificuldades para acessar a comunicação ouvintista, afirma a autora, Góes, 1996. A atitude do aluno surdo, quando possui o atraso de linguagem afeta a parte emocional e psicológica, mesmo com um aprendizado tardio. Disto advém da necessidade de elaboração de propostas educacionais que atendam às necessidades do estudante surdo, beneficiando o progresso satisfatório e efetivo de suas capacidades.

O interesse pela temática aponta para a preocupação em investigar se as escolas de um modo geral entendem como é importante a real inclusão de surdos no âmbito escolar. Surge daí a motivação para elaborar o presente trabalho, pois há a urgência em aprofundar os conhecimentos acerca da realidade vivenciada pelo estudante surdo, assim, buscamos compreender como um aluno surdo, que está inserido na Escola de Ensino Fundamental Hilda Fradique Accioly de Guaiúba, foi incluído na sala de aula regular.

Partindo dessa realidade, o presente trabalho se propôs a discutir sobre a inclusão escolar, buscando-se observar até que ponto houve a inclusão efetiva na escola selecionada, ou se foi somente uma resposta à Lei da Inclusão (LEI Nº 13.146, DE 6 DE JULHO DE 2015.).

Por isso, não satisfaz na atualidade pensar-se apenas em integrar nominalmente as pessoas com deficiência - de qualquer tipo - no contexto social, faz-se necessário pensar e agir na sua inserção, com raízes mais profundas. Há de se erguer as vias e os meios efetivos de inclusão estável, acolhedora e participativa de todas as pessoas – em suas diversas experiências e necessidades –, em uma Educação verdadeiramente plena e emancipadora da cidadania.

Neste trabalho, buscamos debater o conceito da surdez a partir de Quintão (2005); Clemente (2008); entre outros. Uma sociedade que seja minimamente social pressupõe igualdade entre todos os cidadãos, seja de acesso à escola, ao mercado de trabalho, à informação, o que levou as alterações que foram feitas criou pontos positivos, como a mudança da forma de interpretar a surdez, que passou de patologia para fenômeno social, sendo acompanhada, também, de mudanças conceituais, inclusive da nova nomenclatura, que deixou de usar a expressão ‘pessoa portadora de deficiência’ e passou a se chamar ‘pessoa com deficiência’. No sentido da integração do aluno surdo ao mundo dos ouvintes, no contexto das relações pedagógicas, educacionais, um modo de visar à importância da valorização da surdez.

A metodologia adotada foi a pesquisa qualitativa, pois se buscou compreender com mais profundidade a inclusão do aluno surdo dentro do âmbito escolar, e trabalhou-se com a técnica observação, pela qual foi possível verificar como a inclusão do aluno era feita em sala de aula. Além de entrevistas com a docente, a criança e a mãe da criança.

Este artigo debaterá sobre o processo de inclusão do surdo em dois tópicos, a deficiência e a inclusão, e a Educação de Surdos por motivo de revelar a importância do conhecimento da conceituação desses. Em seguida, demonstra-se como foi realizada a pesquisa, para então no tópico quatro mostrar os resultados encontrados.

1. Discussão teórica e/ou revisão de literatura

1.1 Deficiência e Inclusão

De acordo com o artigo 1º da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (ONU, 2006), considera-se deficiente aquela pessoa que apresenta, em caráter temporário ou permanente, significativas diferenças físicas, sensoriais ou intelectuais, decorrente de fatores natos ou adquiridos. Essas diferenças, em geral, acarretam dificuldades da interação do homem com o meio social, fazendo-o necessitar de recursos especializados para desenvolver seu potencial e superar ou minimizar as dificuldades que aparecem.

Nesta investigação, considera-se o sujeito surdo como um ser culturalmente diferente e não patológico, isto é, o surdo como um sujeito capaz de produzir seus conhecimentos e sua

cultura surda. A comunidade surda se organizou ao longo dos tempos (por meio de artefatos), a fim de apresentar o surdo como sujeito cultural e social. Desta forma, a educação de surdos desenvolveu-se à medida que os marcos históricos foram surgindo. Dentro dessa abordagem o mundo do surdo tem suas particularidades e especialidades oriundas da constituição da cultura surda e de seus derivados, como a língua de sinais, por exemplo. Desse modo, os estudos surdos se constituem como resultado dos estudos culturais (SKLIAR, 1998).

Uma instituição que prevê a inclusão de surdos precisa ter ao menos conhecimentos básicos sobre essas definições e seu significado dentro da comunidade surda, saber qual é a identidade constituída por esses sujeitos, pois, obtendo essa base de conhecimento, facilitará a interação do indivíduo surdo com o ouvinte dentro do espaço escolar.

Conceituando a inclusão, de acordo com Januzzi (2004), incluir tem como significado diminuir o preconceito, estimular o respeito às diferenças e apreciar a diversidade por meio da importância da igualdade. Tal instituto, ressalta a autora, pode ser manifestado por intermédio da transformação das atitudes, do comportamento, da administração, do atendimento e da organização físico-espacial. Em todo mundo, diz Januzzi (2004), cresce a consciência que a inclusão de pessoas com deficiência, seja por meio da eliminação de barreiras físicas e/ou psicológicas/atitudinais, é uma questão de ética, cidadania e redução da desigualdade social como da comunicação.

Figura 1: Aluno surdo – inclusão sem interprete de Libras



Arquivo pessoal

A Constituição brasileira de 1988 incorporou, expressamente, ao seu texto, o princípio da dignidade da pessoa humana (art. 1º, inc. III), como valor supremo, definindo-o como fundamento da República. Nessa perspectiva, o homem passou a ser reconhecido como centro de todo o ordenamento jurídico. É a partir desse novo olhar sobre o sujeito que, entra em cena a ideia da discriminação positiva, a qual consiste em conferir um tratamento diferenciado às minorias com vistas ao equilíbrio das relações e à inclusão social. Assim, as discussões acerca

da inserção das pessoas com deficiência ganharam relevância, culminando com a instituição da política nacional de cotas para deficientes.

A Lei nº 13.146, de 06 de Julho de 2015, chamada Lei da Inclusão, prevê a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania. As organizações que aderem a ela precisam se adequar às necessidades dos deficientes que fazem parte de seu quadro de colaboradores. Especificamente, na inclusão de surdos, a acessibilidade comunicacional, por meio da Língua de Sinais (LSs) torna-se imprescindível (NOGUEIRA, 2012).

Mesmo sendo a inclusão uma previsão legal, por vezes, as medidas adotadas por escolas, e mesmo por governos, são insuficientes para vencer as barreiras impostas pela condição da deficiência, influenciando na forma como essas pessoas são percebidas por si e pelo outro no ambiente educacional. Esse fator se potencializa, quando a instituição envolvida no processo de integração deste aluno com a educação não leva em consideração as particularidades existentes.

Nessas barreiras, concentra-se o autor Sasaki (1997) que define inclusão social como um processo no qual a sociedade se adapta para poder incluir a pessoa com deficiência em seus sistemas gerais, entre eles na escola. Começou-se, então, a delinear a ideia da necessidade de construção de espaços sociais mais organizados e melhor planejados, mais acolhedores e mais inclusivos, objetivando atender ao conjunto de características e necessidades de todos os cidadãos, principalmente os de minorias históricas (étnicas, culturais, linguísticas, econômicas, sexuais), inclusive daqueles que apresentam suas deficiências limitadas.

No contexto da surdez esse descompasso fica patente, quando a escola que se habilita a abrir vagas para alunos surdos não disponibiliza um serviço de intérprete de Língua Brasileira de Sinais, o que acaba por deixar o aluno não ouvinte à margem dos acontecimentos internos. A Libras é considerada natural e, conseqüentemente, compartilha uma série de características que lhe atribui caráter específico e as distingue dos demais sistemas de comunicação sendo considerada pela linguística como norma linguística legítima. (QUADROS; KARNOPP, 2004).

Para o povo surdo, a língua de sinais é essencial à criação de um elo com o ouvinte. Assim, uma instituição escolar que não oferece intérprete de libras ou mesmo condições mínimas de comunicação entre os alunos surdos e os não surdos, torna-se excludente. Nesse

sentido, Strobel (2008, p. 42-43) afirma que: “A língua de sinais é uma [...] forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, sendo que é esta língua que vai levar o surdo a transmitir e proporcionar-lhe a aquisição de conhecimento universal.” Nesse argumento, a língua de sinais assume um lugar cada vez mais relevante não só na vida pessoal, como também nas comunidades surdas e nos ambiente educacional. Embora se encontrem registros de que já no século XVIII se reconhecia a importância da língua de sinais, foi somente no século XX, nos anos 60, que tiveram início os primeiros estudos linguísticos sobre ela. Porém, até o presente momento, muito ainda se deve ao povo surdo, no sentido da real integração entre a língua falada e a gesticulada.

2. A Educação de Surdos

Pretende-se nesse tópico reconhecer a educação de surdos em uma prática inclusiva, e ressaltar os espaços escolares e várias leis que defendem a educação de surdos, e que fazem a cobrança às escolas, para que estas compitam o compromisso com a inclusão, evitando a exclusão, um percurso sem barreiras e preconceitos na coletividade social, supramenciona Campos, 2014.

O tema relacionado sobre a educação do surdo, é o mais polêmico para a comunidade surda (alunos surdos, famílias, professores e intérpretes), também para os professores que não tem domínio com a Língua Brasileira de Sinais, devido às condições culturais históricas, educativas que estão sob alternativa. Antes de dar ênfase à conceitualização sobre inclusão de surdos, é formidável ter a base de conhecimento no que se trata essa evolução desses surdos. Um mito ao qual a sociedade se apegou ao longo dos anos é o de que os surdos eram dominados como seres incapacitados de apresentar qualquer tipo de comunicação e fala. Foi, então, espalhada a relação enganosa entre a linguagem e a fala. Vygotsky (1998) afirma, que a linguagem não é fala, e sim comunicação alegórica, onde é desenvolvida em várias modalidades como, auditiva, visual, corporal etc. Os estudos linguísticos atuais admitem que a língua de sinais oferece aos surdos o mesmo conteúdo e funções necessárias à mediação das experiências de aprendizagem. Desse modo, os surdos não são deficientes no ramo linguístico-comunicativo, ou na formação da identidade social, mas podem se tornar deficientes pelas condições em que se constituem como pessoas através do olhar social e educacional. No ponto de vista, a educação de surdos deve estar de acordo com a cultura, língua, metodologia e práticas aos alunos surdos.

Muitas são as polêmicas em relação ao tema inclusão escolar, designadamente quando diz respeito ao acesso das pessoas com surdez à escola regular. A educação inclusiva parte da abertura de que a escola comum é o ambiente, de todos. Ali, os ditos-cujos devem se

desenvolver e instruir-se juntos, tendo cada um com seu atendimento específico. Muitas das vezes essa inclusão, permanece sendo um desafio, sem preparos pedagógicos de diferença, os professores não têm o treinamento adequado para promover o acolhimento do alunado surdo, que gera barreira da comunicação.

Botelho (1998) e Lacerda (2000) chamam a atenção para o fato de que o aluno surdo, repetidamente, não divide sua língua com seus colegas e professores, estando em desigualdade linguística em sala de aula, sem ter oportunidade de ter os conhecimentos trabalhados, que acaba afetando o estado psicológico desse aluno, um atraso de aprendizagem.

Nas barreiras atitudinais, o específico desse caso, é a comunicação. Para Machado (2008, p. 24) foi observado que a maioria das escolas regulares com alunos surdos concorda à abordagem oralista, não controvertendo outras perspectivas. Segundo o autor:

“parece haver um consenso mudo, por exemplo, sobre o fato de que, se todos falam, esse estudante deve também falar. Obviamente, falar é limitado à concepção ouvinte que a restringe às línguas processadas pelo canal auditivo-oral, não reconhecendo a modalidade visual-motora da língua de sinais como a natural dos surdos”

Isso mostra o caso desse aluno surdo, a interação comunicacional sem palavras, entre os alunos e professores. Somente uma docente, que viabiliza o trabalho da pedagogia diferenciada, elaborando materiais didáticos, aprimorando a aprendizagem dele. Os demais professores não possuem base de conhecimento de como lidar com o aluno surdo, o que causa prejuízo ao discente e acaba se tornando um aluno excluído das atividades curriculares.

Na avaliação de aprendizagem se junta com os processos de escolarização e com a vida pessoal do aluno e os recursos disponibilizados para que ele consiga o desenvolvimento dos sentidos de aprendizagem. A avaliação de aprendizagem planeja a prática didática, mas para também repensá-la, ou seja, conhecer quem é o aluno, sua origem, a causa da sua deficiência, para que possa interagir um método apropriado para o caso desse sujeito.

Na avaliação é necessário um vínculo entre aluno, escola, família e sociedade. Afirma, BOLSANELLO,2005

Figura 2: Aluno com a Pedagogia diferenciada



Arquivo pessoal

3. Metodologia da pesquisa

O presente trabalho, baseado na metodologia qualitativa, busca compreender a inclusão de aluno surdo no ambiente escolar escolhido, bem como observar e estudar o

funcionamento da sala de recursos multifuncionais e os atendimentos do AEE⁴, presentes na Escola Ensino Fundamental Hilda da Fradique Accioly, Guaiúba-Ce. Os encontros ocorreram durante os meses de Abril e Maio do ano de 2018, em dias alternados, na sala de aula onde o aluno surdo estuda, de modo a possibilitar à observação do pesquisador sobre o nível de interação existente entre o pesquisado e o ambiente escolar.

[...] a pesquisa qualitativa introduz um novo sentido dos problemas; ela substitui a pesquisa dos fatores e determinantes pela compreensão dos significados. Ela opera, poderíamos dizer, em duplo deslocamento na pesquisa social; isto é, da instituição à comunidade, e do profissional ao usuário. Este deslocamento do ponto de referência faz com que as categorias de percepção e de análise, estabelecidas pela organização ou pelos agentes profissionais, sejam deixadas em suspenso, reexaminadas, e frequentemente substituídas por análises e conceitos que recorrem mais as redes sociais e as estratégias dos atores, do que às suas representações e às suas trajetórias; isto é, à diversidade da vida social da qual eles são parte integrante. Atenta às especificidades socioculturais das clientela e dos usuários, a pesquisa qualitativa força a repensar o estudo das necessidades não mais segundo indicadores de medida, mas sim, segundo as especificidades socioculturais dos meios de vida (GROULX, 2010, p.98).

A proposta desta pesquisa já foi, na verdade, iniciada com as leituras e os estudos de leis e decretos, bem como pela busca de autores que abordam o tema. Após obter certo conhecimento do assunto, seguiu-se à aplicação de algumas entrevistas, com os seguintes objetivos prévios: observar, registrar e analisar as percepções do aluno surdo e dos professores acerca de seu processo de inclusão na escola, destacando as possibilidades e barreiras identificadas neste percurso. Podemos afirmar que as entrevistas foram de suma importância para resolução e estabelecimento dessa proposta de pesquisa, pois com a ajuda das mesmas pôde-se obter contribuições significativas, ainda que provisórias, para o andamento da pesquisa em busca de seus resultados finais.

A escolha pela aplicação de entrevistas se deu pelo fato das mesmas possibilitarem um apoio na obtenção de dados e informações, ao proporcionar um contato mais próximo com o objeto de estudo e uma melhor compreensão dos resultados. Segundo Andrade (2010, p.131), “a entrevista constitui um instrumento eficaz na recolha de dados fidedignos para a elaboração de uma pesquisa”. De acordo com Barros (2007, p.109), “quando se opta pela entrevista há oportunidade de se obter dados relevantes e mais precisos sobre o objeto de estudo”.

Portanto, já foi entrevistada, ainda que de maneira informal, os professores do ensino regular e do AEE da escola escolhida, também o próprio aluno surdo com apoio direto da mãe. A escolha dos entrevistados se deu pela importância de se ter de ouvir, observar e

⁴AEE: Atendimento Educacional é um serviço da educação especial que identifica, elabora, e organiza recursos pedagógicos e de acessibilidade, que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas.

constatar visões diferentes do mesmo serviço. Desse modo, já foi possível compreender as causas de prováveis inconsistências com esse aluno dentro da escola.

Para a correta identificação desse aluno, e atentando para os princípios éticos, inscritos na Resolução nº 466, de 2012, foi atribuído pseudônimo ao entrevistado que doravante identificado como (LH). O sujeito entrevistado teve **acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)**, e o assinou, uma vez que manifestaram o desejo participar da pesquisa.

A técnica adotada para as entrevistas e pesquisas com o discente surdo da Escola de Ensino Fundamental Hilda Fradique Accioly de Guaiúba, Ceará, **foi do tipo entrevista semiestruturada**, que, segundo Manzini (1991), permite a criação de um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. Esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de modo mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas. A coleta de dados foi complementada com a análise documental. Ludke e André (1986) referem que essa é uma técnica importante, pois, completa as informações obtidas anteriormente.

4. Análise dos Resultados

Os resultados da nossa observação e entrevistas serão divididos em dois tópicos: A descoberta da deficiência e a relação da família com o surdo; As relações do aluno surdo em sala de aula.

4.1. A descoberta da deficiência e a relação da família com o surdo

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010) apontam que o contingente populacional de Guaiúba é de 24.091, dentre estas, 5.546 são pessoas com deficiência e no contexto de deficiência, 1.304 são pessoas com deficiência auditiva, classificados entre, surdez total, com grande dificuldade ou com alguma dificuldade para ouvir.

Segundo Cohen (2006), a inclusão das pessoas com deficiência na sociedade faz parte de um processo de troca. Assim, para que um deficiente construa experiências afetivas nos espaços e identifique-se com ele, é preciso que sejam oferecidas as condições ideais. Partindo-se desse pressuposto, buscou-se saber como se desenvolvia a comunicação com o surdo na instituição de ensino pesquisada.

O sujeito LH nasceu em 2005, na cidade Fortaleza, e morava em uma fazenda no interior do estado, após seu nascimento a família veio morar no município de Guaiúba e segundo o relato da professora do AEE, a mãe de LH não observou que a criança não “escutava” tardiamente.

Ao matriculá-lo na escola, a mãe do aluno mostrou um relatório de outras escolas e também a audiometria realizada em 2015 e nela consta-se que sua surdez foi classificada na categoria de perda auditiva moderada e severa⁵, a qual constatou: OD 80db e no OE 50db. A escola acolheu a criança, e após o processo de adaptação, foi inserido em sala de aula, depois todo processo de anamnese a escola comunicou a Secretaria de Educação do Município a situação do aluno e os técnicos do setor de acessibilidade enviou seu profissionais para fazer a avaliação, fez uma solicitação de vaga para o CREAECE em 2017, que até hoje ainda espera pela vaga. Observou-se que a família do estudante não dominava a LIBRAS, pois a professorado AEE disse que, no início da resistência da “criança”, chamou a mãe e pediu que ajudasse aprendendo junto com ele, alguns sinais. E a família se comprometeu a ajudar.

A dificuldade comunicacional é uma realidade que faz parte do dia a dia do surdo. Castro, Paiva e Cesar (2012), em estudo transversal envolvendo 160 pessoas que referiram ter deficiência auditiva, incluindo 138 (86,3%) que relataram dificuldade de ouvir e 22 (13,7%), surdez unilateral, realizado na cidade de São Paulo, no ano de 2007, mostram que, 35% dos entrevistados relataram problemas para ouvir e entender o que foi dito por profissionais de saúde no último serviço de saúde utilizado. Desses, 30,6% tiveram problemas para ouvir e entender o que os médicos disseram; 18,1% o que as enfermeiras disseram; e 21,2% o que os recepcionistas, atendentes e outros funcionários disseram.

A dificuldade de compreensão é um problema que atinge a toda a população surda. Todavia, isso não deve ser compreendido como um fato normal, uma vez que ela leva ao comprometimento não somente do desempenho das atividades diárias, mas de todas as instâncias da vida do indivíduo surdo. Portanto, a incompreensão precisa ser percebida como uma barreira que, por meio de estratégias que permitam a interação entre ouvintes e não ouvintes; pode ser ultrapassada, ou como bem colocam Castro, Paiva e Cesar (2012), é necessário que se crie um conjunto de atitudes que facilitem a compreensão da mensagem, garantindo a efetividade da comunicação.

No contexto da surdez, deve-se incentivar o conhecimento de linguagens alternativas como, por exemplo, a LIBRAS, para facilitar a comunicação entre professores,

⁵Deficiência auditiva moderada: Em média o som mais suave experimentado por uma pessoa gira em torno de 40 a 70 dB (decibéis). Pessoas que sofrem de perda de audição moderada têm dificuldade de manter um diálogo sem o uso de aparelho auditivo.

Deficiência auditiva severa: Em média o som mais suave experimentado por uma pessoa gira em torno de 70 a 95 dB (decibéis). Vítimas de perda auditiva profunda podem ser beneficiadas, consideravelmente, com o uso de aparelho auditivo. Essas pessoas contam, frequentemente, com ajuda de leitura labial, mesmo quando estão usando aparelho auditivo e algumas também fazem uso de língua de sinais, conhecida no Brasil como LIBRAS, ou linguagem gestual.

coordenadores, demais funcionários e alunos surdos, de modo que seja possível repassar com clareza as tarefas a serem desenvolvidas pela pessoa surda.

Comentar o impacto que existe na vida da criança o fato de a família não usar a Libras para se comunicar com a criança

4.2. As relações do aluno surdo em sala de aula

Aluno LH, frequenta todos os dias as aulas na sala de origem, onde tem 41 alunos com rodízio de seis professores, em várias disciplinas, com 50 minutos cada aula, cujas disciplinas são: Língua portuguesa, Matemática, História, Geografia, Artes, Ciências, Ensino religioso, Língua estrangeira e incluindo uma em Educação Física.

Além dessas aulas, dentro da escola, o LH, frequenta duas vezes por semana, pela manhã, a sala de recursos multifuncionais, onde também tem outras crianças, como, síndrome de Down, altista, DI, DTAH, imperatividade intensa, déficit cognitivo entre outros, totalizando 18 alunos, divididos em horários estratégicos a fim de executar um bom trabalho. No caso do LH, é notado, que nas aulas que ele comparece, junto com uma das docentes, sente-se livre, espontâneo, com boa vontade de aprender, devido do material já preparado para ele, usando imagens visuais, facilitando seu aprendizado.

O “LH”, não se sente conectado com essas disciplinas, a não ser com a de Educação Física, por conta dos professores não terem a base de conhecimento de lidar com o aluno surdo, a interação deles com LH, é limitado devido à falta de conhecimento do papel metodológico do surdo, que acaba afetando a interligação entre o ensino e o contato com o aluno surdo.

Segundo a docente do AEE, o aluno LH, logo quando ele chegou à escola ele era retraído, e no princípio não aceitava ajuda, e ao longo do semestre foi ganhando a confiança dele. Ela comenta que o aluno tem uma caligrafia muito bonita, copia tudo que está na lousa, mas não conhecia nenhuma palavra. Agora na sala dos recursos multifuncionais, já forma palavras e memoriza as mesmas e as escreve e faz o sinal. Ele não gosta muito de levar as atividades de casa, só fica estimulado quando vê os outros colegas levando. Um elemento positivo é o fato de haver a interação dos alunos ouvintes, na turma observada, com o aluno surdo permitindo que trabalhem de maneira cooperativa, tornando possível a comunicação visual entre eles, o que faz com que não fique isolado. Além disso, a professora da sala de recursos multifuncionais, mesmo não tendo domínio suficiente da Libras, procura uma vez por semana, ensina-los a Língua de Sinais, no intuito de levar esse aluno surdo a aprender e a compreender o que estava sendo ensinado, motivado pelos outros colegas.

Observamos que há esforço, por parte da docente em adaptar-se ao estudante, tendo em vista que ela mencionou que participou como observadora no curso na UNILAB em Libras em 2017. E, com a ajuda do interprete de LIBRAS, RC conseguiu alguns materiais didáticos para trabalhar com ele, estuda frequentemente, e conversado com ela percebe-se o empenho de fazer o melhor pela criança. Hoje participa do curso básico em Libras na UNILAB com a professora “T” e se sente motivada por esta cada vez mais aprendendo a Língua brasileira de Sinais.

Mencionou também que constantemente pesquisa atividades, tenta ao máximo socializá-lo, mas ainda encontra um pouco de resistência por parte dele, pois ele, às vezes, não aceita atividades diferenciadas de seus amigos.

No curso que ela participou como observadora em 2017 descobriu um aplicativo, Hand Talk⁶, e desde então vem utilizando para ajudar no processo de interpretação/comunicação com o aluno, que depois de alguns meses, a mãe também passou a utilizar também, junto com seu filho.

Apesar da professora da sala de recursos multifuncional ter pouco conhecimento de Libras e ainda não ter interprete na escola, procura enfatizar os conteúdos metodológicos com a preocupação de apoiar no desenvolvimento cognitivo do LH, buscando acompanhar o nível básico dele, em busca de identificações de palavras, através de sílabas, mostrando imagens visuais. Foi usado o material através da pedagogia diferenciada. O LH na sala de aula sente-se excluído das atividades curriculares, mas incluído pelos colegas e professores no sentido do afeto e na sala do AAE, foi observado que o mesmo sente-se correspondido.

Figura 3: Sala AEE – Pedagogia diferenciada / visual



Arquivo pessoal

⁶Fundada em 2012, a Hand Talk realiza tradução digital e automática para a Língua Brasileira de Sinais, por meio de dois produtos principais: Seu Tradutor de Sites traz acessibilidade digital em Libras para a comunidade surda e seu Aplicativo quebra a barreira de comunicação que há entre ela e os ouvintes. As soluções buscam democratizar o acesso à informação e à comunicação, sendo complementares ao trabalho dos intérpretes de Libras. A empresa, premiada internacionalmente e referência no segmento, é comandada por um simpático intérprete virtual, o Hugo, um personagem 3D que torna a comunicação interativa e de fácil compreensão.

Considerações Finais

O motivo de elaborar esse artigo surgiu da preocupação de aprofundar os conhecimentos acerca da realidade vivenciada por pessoa com deficiência auditiva, que está inserida na Escola de Ensino Fundamental Hilda Fradique Accioly de Guaiúba.

O interesse pela temática reside no fato de saber que existem alunos surdos dentro das escolas regulares que eles, muitas vezes, podem não estar tendo uma inclusão efetiva. Deste modo, nos propomos a discutir a respeito da inclusão escolar, a qual buscou a verificação da inclusão, se é um fato real ou se ela se destina, simplesmente, a oferecer resposta à Lei da Inclusão.

Nesse artigo, o objetivo principal, é aprofundar os conhecimentos acerca da realidade vivenciada por um aluno surdo dentro da escola de Guaiúba. Especificando seus objetivos prévios, como: observar, registrar e analisar as percepções do aluno surdo acerca de seu processo de inclusão na escola, destacando as possibilidades e barreiras identificadas neste percurso.

No decorrer da pesquisa, foi possível constatar que muitos avanços legislativos aconteceram no Brasil nas últimas décadas no sentido de inclusão do deficiente nas instituições de ensino, mas é importante ressaltar que os professores precisam de uma formação continuada, na perspectiva de compreender que ensinar vai além de transferir conhecimentos, mas permitir ao aluno momentos de reelaboração de saberes, contribuindo para sua atuação como ser ativo e crítico no processo histórico-cultural da sociedade. Sendo, nesta concepção, a verdadeira função do professor mediador que deseja através da sua ação pedagógica ensinar os conhecimentos construídos e elaborados pela humanidade, contribuindo para a formação de uma sociedade pensante e atuante no mercado de trabalho e na entrada dos mesmos nas instituições de ensino. Porém, também foi possível se perceber que somente os ditames legais não são suficientes para dar conta dessa complexa realidade, sendo necessário um maior engajamento e comprometimento dos sistemas educacionais, quanto dos atores sociais, de modo a acolher, no sentido lato do termo, aqueles que padecem de alguma limitação.

Para requerer a inclusão de alunos surdos é necessário que o sistema educacional use a aprovação, capacitação para professores, tanto no que se refere ao uso da Libras, quanto ao ensino; garantir a acessibilidade comunicacional através da tradução e interpretação de Libras; o ensino da língua portuguesa como segunda língua para as pessoas surdas; contribuir serviços em todos os níveis de ensino, desde a educação infantil ao superior; promover ações de dispersão de conhecimento a comunidade escolar, sobre o uso da Libras; adotar estrutura

de avaliação, com utilização de recursos audiovisual e tecnológicos, dentre outros. O presente estudo se limitou a analisar as experiências pessoais de inclusão gerenciada nessa escola, porém, acredita-se que seja necessário se conhecer como as instituições têm percebido suas experiências de inclusão.

A expectativa desse artigo é apontar novas propostas educacionais a serem levados para a escola que foi pesquisada, com a esperança que futuramente acolha novos alunos surdos, dando novas oportunidades, com o apoio desse trabalho e que a torne um modelo expressivo de escola inclusiva. E espero que também seja publicado em vários critérios, dando a oportunidade que a sociedade enxergue a relevância do papel do surdo e sua inclusão escolar, gerando o respeito e igualdade perante a lei.

Referências

ANDRADE, W. T. L. de. **Cognição e surdez na educação: a língua em questão**. Revista Virtual de Cultura Surda e Diversidade, Editora ARARA AZUL, Edição n.6 / set. 2010, ISSN 1982-6842.

BARROS, M. A. & KANBACH, B. G. **A relação com o saber profissional do professor de física e o fracasso da implementação de atividades experimentais no ensino médio**. Investigações em Ensino de Ciências, v. 12, n. 3, 2007.

BOLSANELLO, Maria Augusta; ROSS, Paulo Ricardo [et all] **Educação especial e avaliação de aprendizagem na escola regular**: caderno 2 Universidade Federal do Paraná, Pró-Reitoria de Graduação e Ensino Profissionalizante, Centro Interdisciplinar de Formação Continuada de Professores; Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica- Curitiba: Ed. da UFPR, 2005.

BOTELHO, P. **Segredos e silêncios na interpretação dos surdos**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

CASTRO; S.S.; PAIVA, K.M.; CÉSAR, C.L.G. **Dificuldades na comunicação entre pessoas com deficiência auditiva e profissionais de saúde: uma questão de saúde pública**. Revista Sociedade Brasileira Fonoaudiologia, v. 17, n. 2, p. 128-134, 2012.

CLEMENTE, C. A.; **Trabalho docente: leis, mitos e práticas de inclusão**. Ed. Do Autor, São Paulo, 2008.

COHEN, R. S. **Cidade, corpo e deficiência**: percursos e discursos possíveis na experiência urbana. Programa de estudos interdisciplinares de comunidades e ecologia social (EICOS). Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

GÓES, M.C.R. **Linguagem, surdez e educação**. Campinas: Autores Associados, 1996

GROULX, Lionel-Henri. Contribuição da pesquisa qualitativa. In: POUPART, Jean et al. (orgs.). A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos, p. 127-156. Tradução: NASSER, Ana Cristina. 3.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=428-diretrizes-publicacao&Itemid=30192 / acessado em 20/04/2018

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm / acessado em 20/04/2018

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/17853.htm / Acessado em 20/04/2018

JANUZZI, G. M. **A educação do deficiente no Brasil: dos primórdios ao início do século XXI**. Campinas: Autores Associados, 2004

LACERDA, Cristina. B.F. **Um pouco da história das diferentes abordagens na educação de surdos**. Cadernos CEDES, vol. 19, n. 46, Campinas, setembro, 2000

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, Paulo Cesar. **A política educacional de integração/inclusão: um olhar do egresso surdo**. Florianópolis: Editora da UFSC. 2008.

MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social**. *Didática*, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1991.

NOGUEIRA, F. L. B. M. **Políticas institucionais e ações inclusivas nas universidades: análise das condições de acesso para discentes surdos**. *Dissertação* (2012). Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Administração de Empresas. Fortaleza: Universidade de Fortaleza – UNIFOR, 2012.

ORGANIZAÇÃO das Nações Unidas – ONU. **Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência**, ONU, 2006. Disponível em: <<http://www.assinoinclusao.org.br/downloads/convencao.pdf>>. Acesso em: 02 abr. 2018.

QUADROS, R. M. de & KARNOPP, L. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. ArtMed. Porto Alegre. 2004

QUADROS, R. M.; **A educação dos surdos: a aquisição da linguagem**. Ed. Artes médicas, Porto Alegre, 1997.

QUADROS, R. M.; CAMPELO, A. R. S.; **A constituição política, social e cultural da língua brasileira de sinais – LIBRAS**. In: MACHADO, V.; LOPES, M. C. (Orgs). *Educação de surdos: políticas, língua de sinais, comunidade e cultura*. Ed. Edunise, Santa Cruz do Sul, RS, 2010.

QUINTÃO, D. T.; **algumas reflexões sobre a pessoa portadora de deficiência e sua relação com o social**. *Psicologia e sociedade*, 17 (1), 17-28, 2005.

RIBAS, João Baptista Cintra. **O que são pessoas deficientes**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. **Deficiência: “uma identidade social, cultural e institucionalmente construída”.**

In: Integração (Brasília). Brasília, DF Vol. 4, n. 9 (abr./jun. 1992), p. 4-7.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos.** 7. ed. Rio de Janeiro: WVA, 1997, 176p.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Vida independente: história, movimento, liderança, conceito, filosofia e fundamentos.** São Paulo: RNR, 2003, p.12.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda.** Florianópolis: UFSC, 2008.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998

ANEXOS

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM A PROFESSORA DO AEE:

IDENTIFICAÇÃO PARCIAL DA ENTREVISTADA

Sexo: Feminino

Idade: 43 Anos

Anos de docência: 20 anos

Curso de graduação/ instituição de ensino: Pedagogia/ Universidade do Vale do Acaraú - UVA

Especialização: Psicopedagogia/ FAK

Pós-graduação: -

País e município do trabalho: Brasil/Guaiúba – CE.

1- Como ocorre a interação entre o aluno Surdo e seus colegas ouvintes?

R – Apresenta uma boa adaptação social e apesar de suas dificuldades, ele tenta se comunicar; ele oraliza e mostra a ação, ocorre de forma natural um pouco tímida, ele reclama dos colegas quando fazem algo errado, mas brinca, corre, tenta se adaptar e mostrar que é igual a todos.

2- Em relação aos recursos utilizados para o ensino e aprendizagem do aluno Surdo, são os mesmos dos alunos ouvintes? Por quê?

R – Utilizo os mesmos recursos para todos eles, apenas com ele pronuncio mais devagar e bem explicado, sempre utilizo imagens e sinais da LIBRAS onde ficam sempre ao lado da imagem, onde peço para ele oralizar e realizar o sinal.

Porque o problema não é a deficiências da criança e sim a falta de conhecimento e formação dos profissionais do ambiente escolar, pois se todos aprendesse a língua de sinais tudo seria encarrado com naturalidade, assim como alfabetizamos nossas crianças ouvintes; um outro agravante é utilizamos em termos de aprendizagem o único método que é a fala; enquanto muitas crianças aprendem através da imagem, do toque; do manipular; da ação; e do brincar.

3- Quais as potencialidades do aluno Surdo e quais dificuldades apresentam por ele? Porque?.

R – Ele Apresenta um quadro de muita atenção, demonstra possibilidades de construção da leitura e escrita e de algumas operações matemáticas mostrando-se autossuficiência, nas aulas de educação física participa competindo de igual para igual mostra o quanto é inteligente e com relação à resolução de tarefas operatórias, foi verificado uma

impressionante regularidade. Sua maior dificuldade é aceitar uma nova língua; por que é algo novo pra ele como qualquer tipo de deficiência, quanto mais precocemente for detectado, melhor será a possibilidade educacional deste aluno. Entretanto, infelizmente, é frequente o caso em que caberá á professora suspeitar da deficiência, que no caso dele já foi aos oito anos de idade e a criança veio passar a ter conhecimento da língua de sinais aos doze anos.

4- Há Intérprete Educacional em Língua de Sinais no contexto da escola? () SIM (X) NÃO
Qual sua opinião sobre a importância desse profissional?

R – É de fundamental importância pois para ele, a língua de sinais precisaria ser ensinada e para que o aluno alcance um nível razoável em seu desempenho comunicativo, precisara ter o desejo e a oportunidade de se comunicar em libras, que se dará em parte por esse profissional, por isso o ensino de libras que se dará de forma especializada e de suma importância.

5- Você tem conhecimento na Língua Brasileira de Sinais?

(X) SIM () NÃO

Qual sua fluência?

() BOA () MEDIANA (X) INSUFICIENTE () NENHUMA

6 – Qual sua opinião sobre o processo de inclusão dos alunos Surdos em turma de ensino regular?

R – Não vejo nenhum problema, pois a escola é o lugar de direito de todos, pois somos todos iguais a única diferença é que desconhecemos a forma de nos comunicarmos com as crianças no que diz respeito à aprendizagem. É na escola que as pessoas devem desenvolver e aprender juntos, tendo cada uma atendidas suas necessidades específicas. Os ouvintes deveriam aprender a conviver com os surdos, aprender não só a Libras mais varias Línguas; é uma questão de respeito e amor com o próximo.

**ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM O ALUNO SURDO COM
PARTICIPAÇÃO DA MÃE:**

IDENTIFICAÇÃO PARCIAL DO ENTREVISTADO

Aluno: **“LH”**

Sexo: **Masculino**

Idade: **13**

Anos de discencia: **10 anos**

Série / instituição de ensino: **7º ano E.E.B.M. Hilda Fradique Accioly**

Município que estuda: **Guaiúba**

1. Você conhece sua historia de surdez? Qual seu tipo de surdez?

Não, A mãe afirma que procura conversar com ele, mas ele se recusa; não aceita; para ele esta bem assim. CID 10 - H90.3Perda de audição bilateral neuro-sensorial.

2. Há quanto tempo você estuda nessa escola? Quando entrou aqui como se sentiu?

Há um ano e seis meses, entrou em 2017, se sentiu bem, acolhido, gostou dos colegas, professores.

3. Como você se sente estudando junto a colegas ouvintes?

Muito bem, se sente como todos os outros; gosta de brincar com os colegas em todas as atividades.

4. Sente excluído? Ou os colegas ajudam a sua comunicação?

Não. Sim eles ajudam muito na comunicação.

5. Você consegue acompanhar as aulas na sala regular?

Não, porque não consegue entender o professor da sala, só quando esta na sala do AEE

6. Quais as disciplinas que você têm mais dificuldades?

Todas

E quais você têm mais facilidades?

Ele tem facilidade em arte pintura e desenho

7. Sente-se bem ficar no AEE? Qual sua relação com a professora?

Sim, temos uma relação de amizade e carinho.

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM PROFESSORES QUE ATUAM NA SALA REGULAR DO SÉTIMO ANO.

IDENTIFICAÇÃO PARCIAL DO ENTREVISTADO

“PROFESSOR: P1”

Sexo: **Feminino**

Idade: **44**

Anos de docência: **05 anos**

Curso de graduação/ instituição de ensino: Licenciatura em Matemática/ UFC

Especialização: -

Pós-graduação -

País e município do trabalho: Brasil/Guaiúba

1 – Como ocorre a interação entre o aluno Surdo e seus colegas ouvintes?

R – No caso do aluno “L” ele consegue se comunicar com os colegas através de gestos.

2 – Em relação aos recursos utilizados para o ensino e aprendizagem do aluno Surdo, são os mesmos dos alunos ouvintes? Por quê?

R – Não, geralmente trago atividades extracurricular, mas não é adequado para a sua especialidade.

3 – Quais as potencialidades do aluno Surdo e quais dificuldades apresentam por ele? Porque?.

R- Ele é ótimo, inteligente, curioso, disposto a participar e interagir com os demais.

4 – Há Intérprete Educacional em Língua de Sinais no contexto da escola? () SIM (X) NÃO
Qual sua opinião sobre a importância desse profissional?

R – Ele pode ajudar o aluno e professor.

5 – Você tem conhecimento na Língua Brasileira de Sinais?

(X) SIM () NÃO

Qual sua fluência?

() BOA () MEDIANA (X) INSUFICIENTE () NENHUMA

6 – Qual sua opinião sobre o processo de inclusão dos alunos Surdos em turma de ensino regular?

R – Concordo, mas acho que deveriam ser mais, ou seja, melhor assistidos por parte do governo e os professores terem mais suportes.

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM PROFESSORES QUE ATUAM NA SALA REGULAR DO SÉTIMO ANO.

IDENTIFICAÇÃO PARCIAL DO ENTREVISTADO

“PROFESSOR: P2”

Sexo: **Feminino**

Idade: **34**

Anos de docência: **14 anos**

Curso de graduação/ instituição de ensino: **Universidade Vale do Acaraú - UVA**

Especialização: **Licenciatura específica em biologia**

Pós-graduação: **Coordenação e Gestão**

País e município do trabalho: **Brasil/Guaiúba**

1 – Como ocorre a interação entre o aluno Surdo e seus colegas ouvintes?

R – Os Alunos Gesticulam para se fazerem entender pelo aluno; há muita interação nesse sentido. Os recursos visuais e a leitura labial auxiliam muito nesse sentido.

2 – Em relação aos recursos utilizados para o ensino e aprendizagem do aluno Surdo, são os mesmos dos alunos ouvintes? Por quê?

R – Alguns dos recursos são adaptados para facilitar a aquisição do conhecimento e em alguns momentos são aproveitados alguns recursos dos ouvintes.

3 – Quais as potencialidades do aluno Surdo e quais dificuldades apresentam por ele? Porque?.

R- É um aluno que apresenta algumas limitações pois, precisaria de mais condições para seu desenvolvimento.

4 – Há Intérprete Educacional em Língua de Sinais no contexto da escola? () SIM (X) NÃO
Qual sua opinião sobre a importância desse profissional?

R –

5 – Você tem conhecimento na Língua Brasileira de Sinais?

(X) SIM () NÃO

Qual sua fluência?

() BOA () MEDIANA (X) INSUFICIENTE () NENHUMA

6 – Qual sua opinião sobre o processo de inclusão dos alunos Surdos em turma de ensino regular?

R – É imprescindível para o bom desenvolvimentos dos alunos.

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM PROFESSORES QUE ATUAM NA SALA REGULAR DO SÉTIMO ANO.

IDENTIFICAÇÃO PARCIAL DO ENTREVISTADO

“PROFESSOR: P3”

Sexo: **Feminino**

Idade: **51**

Anos de docência: **23 anos**

Curso de graduação/ instituição de ensino: **Universidade Vale do Acaraú - UVA**

Especialização: **Língua Portuguesa**

Pós-graduação: **Latu senso em Literatura**

País e município do trabalho: **Brasil/Guaiúba**

1 – Como ocorre a interação entre o aluno Surdo e seus colegas ouvintes?

R – Existe uma relação de interação contínua, amigável, solidaria e de companheirismo.

2 – Em relação aos recursos utilizados para o ensino e aprendizagem do aluno Surdo, são os mesmos dos alunos ouvintes? Por quê?

R – Não, pois os mesmos exercícios não são adequados, as vezes é possível inteirá-los com os mesmos.

3 – Quais as potencialidades do aluno Surdo e quais dificuldades apresentam por ele? Porque?.

R- É uma pessoa Limitada, pois as condições necessárias para seu desenvolvimento não condiz com sua realidade. É organizado e atento.

4 – Há Intérprete Educacional em Língua de Sinais no contexto da escola? () SIM (X) NÃO
Qual sua opinião sobre a importância desse profissional?

R – Ele se faz necessário para o pleno desenvolvimento do aluno.

5 – Você tem conhecimento na Língua Brasileira de Sinais?

(X) SIM () NÃO

Qual sua fluência?

() BOA () MEDIANA (X) INSUFICIENTE () NENHUMA

6 – Qual sua opinião sobre o processo de inclusão dos alunos Surdos em turma de ensino regular?

R – É necessário que a escola esteja adequada dentro dos padrões que os mesmos merece.

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM PROFESSORES QUE ATUAM NA SALA REGULAR DO SÉTIMO ANO.

IDENTIFICAÇÃO PARCIAL DO ENTREVISTADO

“PROFESSOR: P4”

Sexo: **Feminino**

Idade: **40**

Anos de docência: **19 anos**

Curso de graduação/ instituição de ensino: **Pedagogia/UECE**

Especialização: **Língua Portuguesa**

Pós-graduação: -

País e município do trabalho: **Brasil/Guaiúba**

1 – Como ocorre a interação entre o aluno Surdo e seus colegas ouvintes?

R – Com dificuldade e pouca comunicação.

2 – Em relação aos recursos utilizados para o ensino e aprendizagem do aluno Surdo, são os mesmos dos alunos ouvintes? Por quê?

R – Sim,

3 – Quais as potencialidades do aluno Surdo e quais dificuldades apresentam por ele? Porque?.

R- dificuldades, comunicação com os demais alunos e professores.

4 – Há Intérprete Educacional em Língua de Sinais no contexto da escola? () SIM (X) NÃO
Qual sua opinião sobre a importância desse profissional?

R – Facilitar a aprendizagem do aluno.

5 – Você tem conhecimento na Língua Brasileira de Sinais?

() SIM (X) NÃO

Qual sua fluência?

() BOA () MEDIANA () INSUFICIENTE (X) NENHUMA

6 – Qual sua opinião sobre o processo de inclusão dos alunos Surdos em turma de ensino regular?

R – Precisa melhorar, pois a escola ainda não dispõe de recursos necessários para que haja uma aprendizagem significativa para esses alunos. Os professores não possuem formação para esse demanda (inclusão).

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM PROFESSORES QUE ATUAM NA SALA REGULAR DO SÉTIMO ANO.

IDENTIFICAÇÃO PARCIAL DO ENTREVISTADO

“PROFESSOR: P5”

Sexo: **Feminino**

Idade: **41**

Anos de docência: **15 anos**

Curso de graduação/ instituição de ensino: **Licenciatura Esp. em Português Pela UVA**

Especialização: -

Pós-graduação: **Psicopedagogia clinica, hospitalar e institucional**

País e município do trabalho: **Brasil/Guaiúba**

1 – Como ocorre a interação entre o aluno Surdo e seus colegas ouvintes?

R – Eu Particularmente, não vejo interação salvo quando professora do AEE vai a sala.

2 – Em relação aos recursos utilizados para o ensino e aprendizagem do aluno Surdo, são os mesmos dos alunos ouvintes? Por quê?

R – Sim , o material didático é o mesmo acredito que não diferenciação para não se sentirem abaixo do preconceito

3 – Quais as potencialidades do aluno Surdo e quais dificuldades apresentam por ele? Porque?.

R- Potencialidades são todas, porem as dificuldades estão desde a comunicação por parte do professor “não capacitados” para se trabalhar com essas deficiências em sala de aula.

4 – Há Intérprete Educacional em Língua de Sinais no contexto da escola? () SIM (X) NÃO
Qual sua opinião sobre a importância desse profissional?

R – Este é de extrema importância na inclusão do educando no meio escolar mas seria necessário um trabalho constante e diário em sala de aula.

5 – Você tem conhecimento na Língua Brasileira de Sinais?

() SIM (X) NÃO

Qual sua fluência?

() BOA () MEDIANA () INSUFICIENTE (X) NENHUMA **Até então não tinha ocorrência de aluno surdo e sendo assim procurou conhecer a língua de sinais.**

6 – Qual sua opinião sobre o processo de inclusão dos alunos Surdos em turma de ensino regular?

R – Essa integração faz-me necessário, por que o educando possa se sentir parte do trabalho e diferentes dos demais.